



**UFOP**



**CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES CÊNICAS**

# **ARTE-EDUCAÇÃO E AÇÃO CULTURAL: UMA EXPERIÊNCIA DE ENSINO-APRENDIZADO**

**ISABEL LUZ MISAILIDIS LERENA**

**Ouro Preto  
2021**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO (UFOP)  
INSTITUTO DE FILOSOFIA ARTES E CULTURA (IFAC)  
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS (DEART)  
CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES CÊNICAS

ISABEL LUZ MISAILIDIS LERENA

**ARTE-EDUCAÇÃO E AÇÃO CULTURAL:  
UMA EXPERIÊNCIA DE ENSINO-APRENDIZADO**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Artes Cênicas – Licenciatura – do Departamento de Artes Cênicas (DEART) do Instituto de Filosofia, Artes e Cultura (IFAC) da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) como requisito parcial para a obtenção do diploma de Licenciatura em Artes Cênicas.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Carlos Gomes

## SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

L615a Lerena, Isabel Luz Misailidis .  
Arte-educação e ação cultural [manuscrito]: uma experiência de  
ensino-aprendizagem . / Isabel Luz Misailidis Lerena. - 2021.  
25 f.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Carlos Gomes.  
Monografia (Licenciatura). Universidade Federal de Ouro Preto.  
Instituto de Filosofia, Artes e Cultura. Graduação em Artes Cênicas .

1. Cultura . 2. Arte na educação. 3. Teatro na educação . I. Gomes,  
Ricardo Carlos. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 729:37

Bibliotecário(a) Responsável: Cristiane Maria Da Silva - SIAPE: 1.399.488



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO  
REITORIA  
INSTITUTO DE FILOSOFIA ARTES E CULTURA  
DEPARTAMENTO DE ARTES



**FOLHA DE APROVAÇÃO**

**Isabel Luz Misailidis Lerena**

**Arte-educação e ação cultural: uma experiência de ensino-aprendizado**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Artes Cênicas da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Artes Cênicas

Aprovada em 29 de abril de 2021

**Membros da banca**

Prof. Dr. Ricardo Carlos Gomes - Orientador (Universidade Federal de Ouro Preto)  
Profa. Dra. Neide das Graças de Souza Bortolini (Universidade Federal de Ouro Preto)  
Prof. Dr. Marcelo Rocco de Gasperi (Universidade Federal de Ouro Preto)

Ricardo Carlos Gomes, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 10/06/2021



Documento assinado eletronicamente por **Ricardo Carlos Gomes, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 10/06/2021, às 12:48, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [http://sei.ufop.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **0180644** e o código CRC **B6E0B98A**.

**Referência:** Caso responda este documento, indicar expressamente o Processo nº 23109.005727/2021-11

SEI nº 0180644

R. Diogo de Vasconcelos, 122, - Bairro Pilar Ouro Preto/MG, CEP 35400-000  
Telefone: 3135591731 - [www.ufop.br](http://www.ufop.br)

# **ARTE-EDUCAÇÃO E AÇÃO CULTURAL: UMA EXPERIÊNCIA DE ENSINO-APRENDIZADO**

Isabel Luz Misailidis Lerena

## **RESUMO**

O presente artigo, por meio da análise de experiências vivenciadas em curso de teatro na FAOP - Fundação de Artes de Ouro Preto (Estágio Supervisionado: Planejamento e Regência II), reflete sobre a importância e necessidade da ação cultural no âmbito da arte-educação, para contribuir para transformação pessoal e da sociedade. Através da distinção feita por Roy Wagner (2010) entre uma visão mais restritiva e seletiva e outra mais abrangente e democrática do conceito de cultura, destacamos o tema da ação cultural e seu potencial transformador da sociedade, por meio das visões e concepções de Teixeira Coelho (1989). Analisando o processo educacional realizado no referido estágio na FAOP, baseado na filosofia e métodos de Paulo Freire (2013), percebemos a grande proximidade entre as visões de Freire e Coelho, e como podem caminhar juntas as funções de arte-educador/a e agente cultural. Segundo a lição de Beatriz Cabral (2012), salientamos a total necessidade do diálogo e do respeito das subjetividades na utilização das ferramentas da pedagogia teatral para impactar e gerar mudanças nos/as alunos/as e conseqüentemente na sociedade.

Palavras-chave: Ação cultural; Arte-educação; Pedagogia teatral; Paulo Freire.

## **ABSTRACT**

The present article, through the analysis of experiences lived in a theater course at FAOP - Fundação de Artes de Ouro Preto (Supervised Internship: Planning and Conducting II) , reflects on the importance and necessity of cultural action in the scope of art-education, to contribute to personal and social transformation. Through the distinction made by Roy Wagner (2010) between a more restrictive and selective view and a more comprehensive and democratic one of the concept of culture, we highlight the theme of cultural action and its potential to transform society, through the views and conceptions of Teixeira Coelho (1989). Analyzing the educational process carried out during the internship at FAOP, based on the philosophy and methods of Paulo Freire (2013), we have noticed great proximity between the views of Freire and Coelho, and how the roles of art educator and cultural agent can go hand in hand. According to Beatriz Cabral's lesson (2012), we highlight the total need for dialogue and respect for subjectivity in the use of the tools of theatrical pedagogy to impact and generate changes in students and consequently in society.

Keywords: Cultural Action; Art-education; Theatrical Pedagogy; Paulo Freire.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus e todas as energias do universo por ter me proporcionado experiências e vivências tão engrandecedoras ao longo desses quatro anos.

Agradeço à minha família por me apoiar e criar todas as condições necessárias para eu viver em Ouro Preto da melhor maneira possível!

Agradeço a Miriam, minha amiga e irmã que está comigo em todos os momentos, sempre me incentivando, apoiando e aconselhando.

Agradeço à Universidade Federal de Ouro Preto pelo ensino de qualidade, proporcionando inúmeros conhecimentos, experiências e trocas.

Agradeço ao DEART por todos esses anos que enfrentamos juntos, seja na luta ou no acolhimento, mostrando a importância e a necessidade de sempre nos posicionarmos, seguir nossos ideais e sonhos e expandir a arte por cada canto que passarmos.

Agradeço a todos os professores do DEART por criarem ferramentas necessárias para os alunos conseguirem perpetuar cada dia mais o teatro e a educação em nossa sociedade.

Agradeço imensamente ao meu orientador Ricardo, que aceitou embarcar nesse desafio junto comigo e me guiou de forma tão presente e pontual. Nossas conversas, reflexões e observações agregaram muito neste trabalho.

Agradeço à empresa júnior MultiCultural, que me tirou completamente do eixo desde o meu primeiro período da graduação e proporcionou tantas experiências, aprendizados, risadas, lágrimas e satisfações.

Agradeço a FAOP por ter me concedido a oportunidade de estagiar nesse ambiente tão engrandecedor e valioso que agregou tanto os meus dias como a minha pesquisa.

Agradeço a Ouro Preto por ser esse lugar tão mágico e surreal, no qual vivi cinco anos muito intensos e proveitosos! Foi uma experiência sensacional.

## Introdução

O impulso inicial deste artigo, que compõe o meu Trabalho de Conclusão de Curso, é compartilhar parte de minhas experiências e reflexões desenvolvidas durante a graduação no curso de Licenciatura em Artes Cênicas, na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP).

Na primeira parte do texto, analiso o assunto da cultura de forma ampla, abordo sua definição e, logo após, mostro a minha interpretação e entendimento sobre o assunto. Em seguida, trago uma definição e visão antropológica de Roy Wagner, para posteriormente me aprofundar sobre a Ação Cultural – tema chave deste artigo – me baseando nos ensinamentos e entendimentos de Teixeira Coelho.

Após abordar o assunto da ação cultural, mostro a importância dos agentes culturais em nossa sociedade, pois criam possibilidades para a arte proliferar e alcançar um maior número de pessoas, que sejam afetadas de forma positiva. A partir dessa compreensão, me percebo como *agente cultural*, entendendo que a ação cultural está muito atrelada com a educação. Deste modo, enquanto arte-educadora no contexto do estágio, sinto a necessidade de estar ocupando essas duas funções concomitantemente, pois não é possível que essas duas perspectivas funcionem de forma segregada.

A segunda parte deste artigo é uma análise, sob o prisma do conceito de ação cultural, do estágio que realizei, dando aulas de teatro na Fundação de Artes de Ouro Preto, onde desenvolvemos um trabalho com crianças de nove a quatorze anos, a partir do Teatro de Mamulengo. Me debruço sobre o processo que percorremos, desde o momento em que os alunos entraram em contato pela primeira vez com um texto teatral cômico, passando posteriormente pela criação de um enredo desenvolvido pela turma, e finalizando com o processo da confecção e da manipulação dos bonecos, fase na qual o trabalho com o corpo dos alunos/atores em cena foi sendo aperfeiçoado, trazendo à tona questões como a inibição, a insegurança e a expressão vocal.

A partir dos meus estudos no curso de Licenciatura em Artes Cênicas da UFOP, evidencio que, nesse estágio, tentamos colocar em prática ideias e ações propostas por Paulo Freire, percebendo que o diálogo é o carro chefe de qualquer ação social a ser desenvolvida.

## **A ideia de cultura e a ação cultural**

O novo e o desconhecido, para algumas pessoas, remetem aos sentimentos de insegurança, medo e desconfiança. Quando algo novo acontece, essas pessoas não depositam muita expectativa na novidade, ou simplesmente se colocam no lugar de observador, sem haver muita interação. Já outras pessoas encaram situações novas e desconhecidas como oportunidades em suas vidas, estão abertas as descobertas, ao risco; se envolvem com mais facilidade e abertura as mudanças e imprevistos.

Ao sairmos do nosso estado, ou até menos do nosso país, independente do destino que escolhermos, com certeza encontraremos lugares que não serão idênticos à cidade onde habitamos. As mudanças e diferenças vão variar de lugar para lugar, mas há grandes chances de nos depararmos com arquiteturas diferenciadas, comidas que não fazem parte da nossa rotina, expressões linguísticas que não entendemos (mesmo quando falam a nossa língua ou uma língua que conhecemos), modos de vida antes desconhecidos, crenças e costumes com os quais não tínhamos familiaridade. Esse conjunto de características de um determinado lugar é conhecido como cultura.

A definição e entendimento da palavra “cultura” é um assunto muito discutido e abrangente, criando um espaço para inúmeras interpretações e questionamentos. Nesse artigo trago um pouco da minha visão enquanto arte-educadora, o que acredito e sinto quando falamos de cultura, e também aquilo que estudei sobre esse conceito.

Quando leio a palavra “cultura” logo penso em características, identidades e propriedades de um determinado povo ou local, costumes de um grupo social ou artístico, junção de ideias e crenças, que ressaltam seu modo de vida tão singular e diversificado ao mesmo tempo. Porém, ao pensar em cultura, também me vem à memória algo conceitual e estruturado; uma cultura mais restritiva, a que poucas pessoas têm acesso e conhecimento, que se encontra nos museus, nos teatros e outros espaços elitizados. Uma concepção da cultura pouco democrática, que segrega parte da humanidade e aumenta as desigualdades.

Analisando o livro “A invenção da Cultura” de Roy Wagner (2010), que traz a questão da cultura sob um estudo e olhar antropológico, podemos refletir sobre as relações entre essas visões da cultura:

Nossa palavra “cultura” deriva de uma maneira muito tortuosa do particípio passado do verbo latino *colere*, “cultivar”, e extrai alguns de seus significados dessa associação com o cultivo do solo. [...] O sentido contemporâneo do termo – um sentido mais “sala de ópera” – emerge de uma metáfora elaborada, que se alimenta da terminologia da procriação e aperfeiçoamento agrícola para criar uma imagem de controle, refinamento e “domesticação” do homem por ele mesmo. [...] O uso antropológico de “cultura” constitui uma metaforização ulterior, se não uma democratização, dessa acepção essencialmente elitista e aristocrática. Ele equivale a uma extensão abstrata da noção de domesticação e refinamento humanos do indivíduo para o coletivo, de modo que podemos falar de cultura como controle, refinamento e aperfeiçoamento gerais do homem por ele mesmo, em lugar da conspiciência de um só homem nesse aspecto. (WAGNER, 2010, p. 53-54)

Podemos, deste modo, observar como a palavra “cultura” pode trazer consigo um significado e história abrangente e inclusivo, onde um povo ou local se identifica com seus traços e costumes; mas, ao mesmo tempo, pode se tornar tão seletivo e restritivo a ponto de nem todas as pessoas terem acesso e oportunidades de desfrutar de ambientes e conteúdos criados apenas para um público específico. A maneira egoísta como a humanidade costuma agir perante essas situações e ocasiões – segregando ao invés de compartilhar – é o que define e estrutura as inúmeras desigualdades e defasagens entre os indivíduos e grupos sociais.

Nesse artigo, vamos tratar de um aspecto um pouco mais específico da cultura: a ação cultural, na qual a palavra “ação” traz um poder e atitude para a cultura, por meio de um *agente*, que não tem uma postura passiva, não fica à mercê das barreiras e interesses alheios, mas torna-se protagonista da ação cultural.

Podemos considerar, então, que a ação cultural é um processo no qual o agente se encarrega de criar as condições necessárias para o desenvolvimento da cultura. Ao iniciar essa ação, porém, seus passos não devem ser autoritários e impositivos. O agente cultural deve desenvolver seu projeto de forma orgânica em relação à comunidade, grupo, coletivo ou até mesmo indivíduo que é objeto de sua ação, sendo que o intuito não é criar produtos e objetos “culturais”, mas sujeitos de cultura.

Em seu livro “O que é Ação Cultural”, Teixeira Coelho (1989), falando sobre a arte, uma das mais significativas expressões da cultura, faz um contraponto entre fazer arte para obter um resultado ou produto de consumo – que envolve, por exemplo, a questão da publicidade, com as influências e intromissões do mercado – e os

movimentos artísticos, a arte em suas liberdades e utopias, o surgimento de espaços culturais, a arte como um instrumento pedagógico e transformador. Diante de tantos temas, ele começa seu livro definindo o que é “ação” a partir de seu entendimento:

“Ação” é um conceito cujo sentido fica mais claro quando confrontado com outro, “fabricação”, de amplo trânsito não explicitado e não confessado. A *fabricação* é um processo com um início determinado, um fim previsto e etapas estipuladas que devem levar ao fim preestabelecido. A ação, de seu lado, é um processo com início claro e armado mas sem fim especificado e, portanto, sem etapas ou estações intermediárias pelas quais se deva necessariamente passar – já que não há um ponto terminal ao qual se pretenda ou espere chegar. Na fabricação, o sujeito produz um objeto, assim como o marceneiro faz um pé torneado. Na ação, o agente gera um processo, não um objeto. (COELHO, 1988, p. 12)

As ações culturais, como podemos observar, têm a capacidade e a intenção de abrir possibilidades de desenvolvimento pessoal ao(s) indivíduo(s) e suas subjetividades, criando condições para que possam participar de modo ativo, com suas próprias ações e decisões, na vida pessoal ou de suas comunidades. Percebemos aqui seu poder inclusivo e transformador, pois se alteramos positivamente nossa comunidade ou o bairro em que vivemos com atividades e propostas artísticas, por exemplo, estamos promovendo política. Notamos também um viés socioeducativo, no qual a cultura e o aprendizado estão presentes, trazendo novas reflexões, abordagens e diálogos.

Podemos perceber que a relação entre arte e a educação é um elemento muito relevante e necessário enquanto se desenvolve uma ação cultural, pois através da arte nascem inúmeros projetos, ações e até possíveis apresentações, que contribuem para o aprendizado e o crescimento de quem opera, participa ou assiste. Diante disto, a arte-educação pode ser uma forma eficaz de ação cultural. Na sala aula ou até mesmo em uma oficina ou workshop, nós enquanto arte-educadores, por meio de ferramentas didáticas e trabalhos artísticos, podemos ampliar a sensibilidade, contribuir para o auto-conhecimento, abrir espaço para reflexões e discussões, pensamentos antes não explorados sobre a vida e a sociedade.

## **O Teatro de Mamulengo na FAOP: um exemplo de arte-educação enquanto ação cultural**

Ao refletir sobre minhas experiências e relatos enquanto arte-educadora, lecionando na Fundação de Artes de Ouro Preto, a partir da minha pesquisa em ação cultural, consigo perceber que, enquanto estava desempenhando meu papel de professora, concomitantemente me encontrava exercendo a função de agente cultural, dentro de um projeto que buscava aproximar a cultura popular brasileira das crianças de Ouro Preto.

Enquanto aluna do curso de Licenciatura em Artes Cênicas da UFOP, tive que cumprir obrigatoriamente trezentas horas de estágio, divididos em três períodos. As noventa primeiras horas foram destinadas ao estágio de observação, no qual eu devia apenas observar as aulas de professores do Ensino Fundamental e Médio. Posteriormente, cumpri mais duzentas horas dos estágios de regência, no qual não me encontrei apenas como observadora, mas sim como professora/auxiliar.

Neste artigo trago uma reflexão sobre meus aprendizados e vivências do segundo estágio, Estágio Supervisionado: Planejamento e Regência II, realizado no ano de 2018 no Núcleo de Artes da Fundação de Artes de Ouro Preto (FAOP)<sup>1</sup>. O Núcleo de Artes tem como foco a pesquisa e a prática de expressões e linguagens artísticas que estejam relacionadas ao modo de vidas das pessoas, instigando sempre o lado humanista e criativo de todos que passem por lá. Esse ambiente tão propício e dedicado à arte foi com certeza o ideal para realizar um estágio que contribuiu para meu aprendizado e para a possibilidade de transformação de todos os envolvidos.

Uma ação cultural da FAOP que exemplifica a importância de seu trabalho em Ouro Preto é o “Projeto Sextas Abertas”. Todas as últimas sextas-feiras do mês a Fundação de Artes de Ouro Preto (FAOP) abre suas portas para a comunidade, com o intuito de criar oportunidades para que o público conheça mais sobre os projetos e atividades oferecidas pela instituição ao longo do ano. É permitido que artistas

---

<sup>1</sup> A Fundação de Artes de Ouro Preto (FAOP) é uma unidade da Secretaria de Estado de Cultura e Turismo de Minas Gerais. Foi criada em 1968, por iniciativa do poeta Vinícius de Moraes, da atriz Domitila do Amaral, do historiador Afonso Ávila e do escritor Murilo Rubião, a quem coube a tarefa de sua implantação. No ano seguinte, incorporou a estrutura da Escola de Arte Rodrigo Melo Franco de Andrade (EARMFA), criada por Nello Nuno e Annamélia Lopes. Atua, por meio de políticas públicas e parcerias, em ações de conservação e restauração de obras de arte, e também no fomento dos fazeres tradicionais e da arte contemporânea em seus mais diversificados suportes e linguagens, contribuindo para a formação, educação e transformação social.

apresentem seus trabalhos, independente de qual seja sua manifestação artística. São oferecidas oficinas gratuitas para todas as idades, ocorrem aulas abertas a apresentações de artes plásticas, musicais, visuais, danças, performances, palestras, saraus e discussões sobre a arte contemporânea. É um evento que respira arte e proporciona que haja contato e troca constante entre alunos, professores, artistas e a comunidade de Ouro Preto. É uma das ações culturais mais completa que participei e prestigiei. Cada pessoa que por ali passa deixa a sua marca e sua identidade, afetando a todos positivamente e se afetando também, permitindo que vários olhares e universos entrem em conexão e consigam aprender cada vez mais uns com os outros, disseminando essa ideia de que todos podem e devem participar de qualquer processo criativo que ali surgir com os elementos que tiverem em suas mãos.

No dia 4 de setembro de 2018, iniciei meu estágio no Núcleo de Artes da FAOP, onde são oferecidos cursos de aulas de fotografia, teatro, cinema, incluindo passeios museológicos, violão, artes plásticas, desenho e pintura, musicalização, cerâmica e xilogravura. Os cursos, que abrem vagas semestralmente, são destinados aos alunos de acordo com as suas faixas etárias. Durante meu estágio na FAOP, acompanhei quatro turmas em disciplinas distintas, sendo elas de fotografia, passeios museológicos, cinema para crianças e teatro. Trago nesse artigo a análise das experiências das aulas de teatro, baseando-me no meu relatório de estágio, desenvolvido em 2018.

As aulas de teatro aconteciam às terças-feiras à tarde, os estudantes que frequentavam estavam na faixa etária de nove a quatorze anos; era um grupo bem animado e divertido de trabalhar. Quando iniciei meu estágio com essa turma, eles já estavam tendo aulas a mais ou menos um mês, então o cronograma já havia sido montado e estruturado, porém foi combinado que eu traria sugestões e provocações ao longo das semanas. Eu não era a única professora em sala de aula, havia mais dois professores junto comigo, sendo que o Jonathan Oliveira era professor de teatro e a Janaína Evangelista era professora de artes plásticas; entretanto em alguns dias, eu lecionaria sozinha.

O intuito desse projeto era conhecer e trabalhar com o Teatro de Mamulengo, tradicional e popular teatro de bonecos do Brasil, originário da região da Zona da

Mata pernambucana, localizada no Nordeste do país, que traz consigo suas fortes raízes, histórias e tradições. A proposta era criar uma peça cômica onde os estudantes iriam escrever o enredo, aprender a confeccionar os bonecos e suas vestimentas e também a manipulá-los, colocando em cena o texto que escreveriam.

Para a turma ter um maior conhecimento e aproximação com a estrutura de peças teatrais cômicas, apresentamos a eles o texto “O Santo e a Porca” de Ariano Suassuna. Por meio da análise dessa peça, inspirada na tradição popular nordestina, explicamos a estrutura de uma comédia, sua imagem dramática, enredo, argumento, etc. Foi de extrema importância ter levado esse texto para a sala de aula, pois como eles iriam criar sua própria peça de teatro com o viés cômico, era necessário haver esse contato com um texto dessa natureza, para eles terem noção de sua estrutura.

A primeira leitura do texto “O Santo e a Porca” foi feita em grupo e em voz alta; cada aluno interpretou as falas de um personagem específico, de forma espontânea e livre, do jeito que eles acreditavam que aqueles personagens interagiam e conversavam, com seus sotaques e entonações. Nessa primeira leitura, foi perceptível a falta de familiaridade dos alunos com a linguagem da peça e com a estrutura de um texto teatral, baseada em diálogos – algo extremamente normal, pois nem aquele linguajar nem aquele tipo de leitura pertenciam ao dia a dia daquelas crianças e adolescentes. A vergonha se tornava presente nas falas das crianças, principalmente quando não conheciam alguma palavra, mas acredito que foi um bom exercício para eles terem contato com as falas de um texto teatral. Nós professores observamos que poderíamos aperfeiçoar e aprofundar essa vivência através de jogos teatrais e leituras complementares.

A aproximação e a confiança que fui adquirindo na classe se tornava maior com o passar das aulas, os alunos foram me dando mais credibilidade e se interessando pelas propostas que eu apresentava. Apesar de os corpos não serem visíveis na apresentação de uma peça de Mamulengo,<sup>2</sup> senti a necessidade de

---

<sup>2</sup> O Teatro de Mamulengo é composto por fantoches de luva, bonecos que apresentam deformações faciais tornando-os figuras cômicas pela sua aparência, como também pelos seus diálogos, em grande parte improvisados, e regionais, advindos da Zona da Mata pernambucana. Eles imitam movimentos, sentimentos e ações humanas, trazendo sempre assuntos ligados a sexo, brigas e dinheiro, de forma divertida e risível. A apresentação acontece em palcos apropriados para o teatro de bonecos, conhecidos na Zona da Mata como “barracas”, que geralmente têm estrutura de madeira e são revestidas de tecidos coloridos. Os artistas que manipulam os bonecos ficam escondidos nessas “barracas”, e somente os bonecos, que eles manipulam com os braços levantados, ficam visíveis, acima de suas cabeças.

trabalhar com eles a expressão corporal, para sentirem que o texto estudado poderia reverberar em todo seu corpo, de maneira que, durante a manipulação e ao reproduzirem suas falas, a comunicação com o espectador fosse a mais viva e verdadeira possível.

Usando de alguns jogos teatrais aprendidos no curso de artes cênicas, trabalhei o entrosamento do grupo, o pensamento rápido para a improvisação de texto, a questão da desinibição em cena, a noção do espaço e velocidade e o quanto o nosso corpo tem potencial para se transformar em inúmeros personagens e objetos. Em alguns jogos, trazia as falas do texto da apresentação de fantoches com o intuito de desenvolver a expressividade e as infinitas formas de entonação das frases.

Era muito gratificante ver o resultado dos jogos teatrais e de todo o trabalho corporal realizado aparecendo quando os alunos estavam ensaiando a peça. O desenvolvimento e crescimento do grupo era nítido em vários aspectos, como na superação da vergonha em cena, pois, com o tempo foram criando mais segurança e autonomia. Após muita insistência de minha parte, a importância da dicção e das pausas no texto começou a ser assimilada e entendida enquanto eles ensaiavam. No início havia uma ansiedade tão grande em mostrar suas falas, que acabava-se atropelando as falas dos colegas. Com o tempo, eles foram entendendo a importância e necessidade de seguir o ritmo que a própria peça possuía.

A confecção dos bonecos de fantoche foi um processo muito engrandecedor e difícil. Auxiliei a Janaína, professora de artes plásticas, nas montagens dos alunos, mas como eu não tinha nenhum conhecimento e experiência, fui seguindo as instruções que me eram repassadas. Foi um momento muito importante também para eu me aproximar mais das crianças. Apesar de estarmos concentrados na montagem, era uma situação tranquila, dávamos risadas dos erros e comemorávamos os resultados.

Para as crianças entrarem um pouco mais no universo dos bonecos, os levamos para conhecer a Cia Lamparina (antiga Cia Nau dos Sonhos), que trabalha com fantoches, máscaras teatrais e lambe-lambe. Todos ficaram muito encantados e animados com o projeto que a Cia desenvolvia; aprendemos técnicas de como manusear os bonecos, acredito que esse passeio deu ainda mais entusiasmo na turma em relação processo criativo que estávamos desenvolvendo.

Depois de ter trabalhado três anos em produções de peças teatrais e eventos, no período em que integrei a empresa júnior de produção cultural do Departamento de Artes Cênicas da UFOP, a Multicultural, consigo enxergar claramente nascer em conjunto tanto o processo de criação da apresentação das crianças quanto o processo da produção dessa montagem, sendo um trabalho que exige constante atenção e sincronia para que ambos caminhem bem e sem defasagens. Nessa peça, a produção cultural e a criação artística não foram encaradas de maneira separada, mas eram compreendidas como partes do processo.

No início de 2018, quando realizei o meu estágio de observação, participei de encontros teóricos semanais com os outros estagiários e o professor Ernesto Valença, nos quais trocamos relatos de nossas experiências de observação nas escolas e estudamos alguns textos teóricos sobre a educação. Foi quando tive contato com as propostas educacionais do educador e filósofo Paulo Freire. Nos encontros, debatemos sobre seu método de ensino, sua filosofia e como podemos tornar a educação mais singela, construtiva e efetiva. Porém, como nesse primeiro estágio eu podia apenas observar os professores dando aulas e como os alunos interagem, eu não podia fazer nenhuma interferência diante de qualquer situação. Somente a partir do estágio na FAOP foi possível colocar em prática, na medida do meu entendimento e das minhas possibilidades, as ideias de Paulo Freire que tanto me entusiasmavam.

A educação Freiriana é uma educação popular e contextualizada, que tem como princípio que o sujeito possui a sua própria leitura de mundo antes de adentrar na escola, e que esse conhecimento prévio deve ser valorizado, utilizado e compartilhado na sala de aula, por meio de uma intensa troca entre alunos e professores. Por meio dessas trocas, o processo educacional baseado nesses princípios se recria constantemente, abrindo novas perspectivas e englobando experiências e práticas precedentes dos alunos às propostas educacionais dos professores.

Os assuntos discutidos durante os encontros teóricos do estágio de observação reverberavam em mim quando finalmente iniciei meu estágio de regência, no qual eu poderia atuar enquanto professora. Desejava intensamente trazer as reflexões provocadas pelos debates feitos na universidade, em especial

sobre a educação Freiriana. Neste momento, eu estava iniciando minhas leituras e conhecimentos sobre essa filosofia de ensino. Em outras disciplinas cursadas posteriormente no curso de licenciatura em artes cênicas, esses estudos se aprofundaram, porém, a visão humanista de Freire, com sua proposta de diálogo horizontal entre educador e educando, ficou marcada em mim desde o início, e foi algo que procurei desenvolver nesse estágio na FAOP.

O diálogo horizontal é um princípio de extrema relevância e diferença na educação Freiriana. Educador e o educando precisam estar na mesma frequência, para que haja uma troca de conhecimentos e vivências baseada no respeito e na humildade. Educador e educando estão juntos nesse processo, ambos abertos tanto para ensinar como para aprender.

No livro “Pedagogia do Oprimido”, Paulo Freire (2013), ressalta a importância de se ter fé e confiança nas pessoas com quem iremos dialogar e trocar nossos pensamentos e vivências, pois, é através dessa confiança que podemos depositar a liberdade e (re)criar nosso mundo.

Ao fundar-se no amor, na humildade, na fé nos homens, o diálogo se faz uma relação horizontal, em que a confiança de um pólo no outro é consequência óbvia. Seria uma contradição se, amoroso, humilde e cheio de fé, o diálogo não provocasse este clima de confiança entre seus sujeitos. (FREIRE, 2013, p. 89)

Paulo Freire não acredita no método de educação que denominou como “bancária”, que concebe os educandos como seres vazios, sem conhecimentos e experiências, nos quais os professores têm a função e obrigação de depositar seus conteúdos e sabedorias:

Nela, o educador aparece como seu indiscutível agente, como seu real sujeito, cuja tarefa indeclinável é “encher” os educandos dos conteúdos de sua narração. Conteúdos que são retalhos da realidade desconectados da totalidade em que se engendram e em cuja visão ganhariam significação. A palavra, nestas dissertações, se esvazia da dimensão concreta que devia ter ou se transforma em palavra oca, em verbosidade alienada e alienante. Daí que seja mais som que significação e, assim, melhor seria não dizê-la. (...) A narração, de que o educador é o sujeito, conduz os educandos à

memorização mecânica do conteúdo narrado. Mais ainda, a narração os transforma em “vasilhas”, em recipientes a serem “enchidos” pelo educador. Quanto mais vá “enchendo” os recipientes com seus “depósitos”, tanto melhor educador será. Quanto mais se deixem docilmente “encher”, tanto melhores educandos serão. (FREIRE, 2013, p. 62-63)

Freire afirma que não tem como a educação ter êxito e crescimento se continuarmos perpetuando em sala de aula a mesma opressão e exclusão existente na sociedade, onde não há diálogo e as classes subalternas têm que aceitar as atitudes e decisões que são empurradas goela abaixo pelos poderosos. Quanto mais opressor o sistema se mostra menos acerto e aprendizado poderemos colher no futuro, pois quanto menor a escuta maior a repressão.

O humanismo é uma das bases dessa “educação para a revolução”. Na educação humanista, o educando tem seu lugar de fala, não é um ser vazio que precisa ser preenchido com inúmeros conteúdos que, em muitos casos, se mostram inúteis ao longo dos nossos dias. No método bancário, somos preenchidos de informações e vazios de debates, não havendo troca de ideias e pensamentos. A educação humanista veio justamente para mudar o rumo e a forma de se ensinar para, desse modo, podermos obter um verdadeiro aprendizado e troca.

Em ambientes educacionais que se pautam no método bancário, podemos observar que há uma “fórmula” e um padrão fixo de ensinar os alunos, que parte do pressuposto que todos irão compreender e assimilar o conteúdo da mesma forma, e consequentemente podem ser avaliados igualmente, apenas de acordo com seu “empenho” no processo de aprendizagem. Sabemos, porém, que cada indivíduo, a partir de sua história, seu contexto social, compreende e apreende os conceitos de formas completamente diferentes. Deste modo, essa configuração de ensino aumenta a desigualdade entre os alunos dentro da classe.

Quando pensamos a educação enquanto ação cultural, devemos nos perguntar se esse processo educacional apenas “preenche” o educando com informações, sem possibilitar o seu desenvolvimento pessoal e sem levar em conta a sua subjetividade ou se pode levar o aluno a mudanças de percepção capazes de transformar a si mesmo e ao seu meio social. Segundo Cabral:

A Ação Cultural, pelo âmbito do ensino, pode ser vista como a ação do professor que busca quebrar a reprodução de comportamentos (*habitus*) que impedem a ampliação do olhar e da percepção do aluno. Este entendimento refuta o ensino-instrução, o qual supõe que todos alcançam o conhecimento da mesma forma e podem ser avaliados da mesma maneira; exige o questionamento do que se ensina e da maneira pela qual se ensina. (CABRAL, 2012, p. 4)

Percebemos, então, que não é qualquer método educacional que contempla e desenvolve os conceitos da ação cultural. O método bancário, como podemos observar, vai na contramão de toda ideologia e construção realizada na ação cultural.

O pressuposto aqui é que se o fazer artístico for significativo, e tiver ressonância com os interesses e preocupações dos participantes, causará impacto e provavelmente mudanças de percepção; caso contrário, será um desserviço à causa a que se propõe. (CABRAL, 2012, p. 4-5)

Pensar a pedagogia teatral enquanto ação cultural, portanto, não admite atitudes impositivas e autoritárias, mas pressupõe que cada aluno aprende e cresce de maneira única, em seu tempo, de acordo com seu processo. O intuito não é criar resultados e produtos e sim desenvolver um processo de aprendizado que se utiliza do poder transformador da arte. O método de Paulo Freire casa perfeitamente com esses ideais, pois a educação humanista dá espaço para o indivíduo aprender e se conhecer através da investigação de si mesmo, partindo de proposições que são criadas pelo professor/agente.

Inspirada nessa concepção educacional humanista, eu tentava trazer para o estágio esse ideal de ações libertadoras. Quando eu planejava as provocações e jogos que levava para as aulas, sempre tinha um intuito e motivo para cada atividade, porém, os alunos tinham total liberdade para sugerir modificações e aperfeiçoamentos, a partir de suas vivências.

Meu diálogo com os alunos era muito positivo e agradável, consegui um grande entrosamento com a turma. Muitas vezes ficávamos conversando nos intervalos entre as aulas; alguns vinham me contar histórias de suas vidas, desabafar e me pedir ajuda com algumas situações na escola ou em casa e, claro, quando o assunto era mais sério, eu acabava compartilhando a questão com os

outros professores ou a coordenação da FAOP, para que me auxiliassem em como eu deveria agir naquela situação.

Muitas vezes me encontrei em conflito quando começava a ter muito falatório e dispersão na sala de aula, e eu tentava “controlar” a turma, mas sem ter uma atitude autoritária, pois essas formas de controle não me parecem caminhar na direção dos pensamentos de Paulo Freire. Eu procurava não gritar ou ficar brava com as crianças; me mostrava chateada com a atitude deles e pedia colaboração de todos, explicando que não seria possível continuar a desenvolver o exercício ou a aula se não houvesse a concentração necessária. Chegava a conversar individualmente com o aluno que estava atrapalhando e dizia que, infelizmente, se ele continuasse com aquela atitude não seria possível ele continuar aquela atividade com os amigos. Diferente de uma ameaça, minha fala demonstrava uma realidade: não tinha como o aluno continuar fazendo a atividade se estava fazendo tanta bagunça e atrapalhando os colegas.

Acredito que essa intimidade e proximidade com os alunos muitas vezes não me ajudava, no sentido de eles não me verem como professora, a ponto de não executarem algumas das atividades propostas, em um primeiro momento. Tentava convencê-los com o diálogo, mostrando o quão interessante estava ficando o desenvolvimento do projeto, e explicando que precisávamos caminhar juntos para chegar na apresentação.

Precisamos ter muita dedicação, paciência e amor constante para desenvolver essa bela profissão. Educar e ensinar são atitudes que requerem muito olho no olho, tranquilidade e empenho. A educação é libertadora e permite que o ser humano cresça mais e mais a cada dia e possa ajudar outras pessoas a crescer e se desenvolver; por isso é tão importante ter amor nas ações educativas. Isso Paulo Freire entende muito bem, e, em seu livro “Pedagogia do Oprimido” (FREIRE, 2013), nos traz a seguinte reflexão:

Sendo fundamento do diálogo, o amor é, também, diálogo. Daí que seja essencialmente tarefa de sujeitos e que não possa verificar-se na relação de dominação. Nesta, o que há é patologia de amor: sadismo em quem domina; masoquismo nos dominados. Amor, não. Porque é um ato de coragem, nunca de medo, o amor é compromisso com os homens. Onde quer que estejam estes,

oprimidos, o ato de amor está em comprometer-se com sua causa. A causa de sua libertação. Mas, este compromisso, porque é amoroso, é dialógico. (FREIRE, 2013, p. 87-88)

Mesmo a FAOP não seguindo necessariamente o método de Paulo Freire e levando à risca os moldes da ação cultural, tal como proposta por Teixeira Coelho, consigo enxergar muita aproximação com esses conceitos na forma como desenvolvem seus projetos e aulas.

Ao recordar que Freire aponta para a importância de se trabalhar com os alunos elementos que fazem parte de suas vidas e se encontram em sua cultura, me questionei sobre a pertinência de trabalhar com as crianças de Ouro Preto utilizando o Teatro de Mamulengos de Pernambuco. Esta manifestação cultural, porém, é considerada um Patrimônio Cultural do Brasil, então acredito que apesar de ser proveniente de uma realidade distante do dia-a-dia daquelas crianças, é uma tradição que pertence ao nosso país, fazendo parte de nossa identidade cultural, e que nós, enquanto arte-educadores, devemos levar para as salas de aula esses elementos da nossa rica cultura brasileira, que, infelizmente, não são muito difundidos pelos meios de comunicação de massa, que são as principais, quando não as únicas, fontes de acesso à informação para grande parte de nossa população.

Por esse motivo é tão importante pensar na educação enquanto uma ação cultural, pois dessa forma expandimos o leque do conhecimento, trazendo sempre a pauta da cultura junto de si. E por falar em cultura no Brasil, inúmeros ramos e portas se abrem para conhecermos, estudarmos e por ventura aprofundarmos no assunto, aumentando sempre as possibilidades de se fazer arte tendo em vista novas referências e descobertas, que podem agregar muito em nosso trabalho.

Para aproximar o Teatro de Mamulengo à realidade daquelas crianças, sugerimos que os bonecos que eles construíram para a apresentação da peça fossem inspirados em pessoas ou personagens que fizessem parte de seus imaginários, que resultaram ser, em sua grande maioria, personagens dos desenhos animados que eles mais gostavam ou admiravam por sua coragem ou pelos seus poderes. Deste modo, o enredo da peça que foi desenvolvido por eles possuía elementos e ideias de desenhos animados, filmes, músicas ou notícias com os quais eles tinham contato, como a Tinker Bell da Disney, o Goku, personagem de anime,

ou o rapper Scarlxrd, mas também o Zé Pereira figura da cultura popular tão conhecida e homenageada em Ouro Preto.

Trazer essa vivência dos alunos para a criação dos bonecos e dos personagens das cenas que estavam desenvolvendo foi de extrema valia pois, dessa forma, foi possível fazer com que os alunos conhecessem e praticassem uma forma teatral da cultura popular brasileira que era nova para eles, mas que se tornava familiar, ao agregar ao seu boneco identidades e características que faziam parte de suas realidades.

Outra questão a ser levantada nesse artigo, que foi motivo de conflitos internos, é o fato da oficina que realizamos com as crianças na FAOP prever um resultado final ou produto: uma apresentação final em forma de espetáculo. Esse aspecto condicionaria o processo de aprendizado, tornando nosso curso uma fabricação ao invés de uma ação cultural? Se analisamos de forma mecânica a definição de Teixeira Coelho, descrita no início deste artigo (p. 7), podemos concluir que é uma fabricação, pois tem início e fim determinados e produz um objeto (o espetáculo) como resultado. Mas devemos levar em consideração que, embora individualmente os cursos que ocorrem na FAOP têm data para seu início e fim, sua ação educacional é uma ação constante, feita de recomeços, pois novas turmas são abertas a cada ano. Deste modo, o processo educacional tem continuidade e o objetivo principal dessas aulas não é as eventuais apresentações ou seu resultado final, e sim todo o processo artístico e educacional.

Em relação à apresentação final dos alunos, infelizmente o horário escolhido para se apresentarem coincidiu com uma entrega de trabalho minha na universidade e consequentemente não consegui estar presente nessa etapa do processo. Diante do ocorrido, trago relatos e visões do professor Jonathan sobre o dia da apresentação.<sup>3</sup>

“A apresentação aconteceu no Núcleo de Conservação e Restauração da Fundação de Artes de Ouro Preto, localizado no bairro Cabeças, no Auditório Central. O projeto de mamulengo sofreu muito por conta da evasão dos alunos pois, no dia da apresentação apareceram poucos alunos e ficamos desfalcados. Tanto que eu e o

---

<sup>3</sup> Os depoimentos de Jonathan Oliveira provêm de uma conversa informal que realizei com ele no aplicativo de mensagens WhatsApp, no dia 2/6/2021.

Lucas, professor estagiário, tivemos que entrar na apresentação para auxiliar os meninos pois, tínhamos muitos personagens para poucos atores. Foi uma apresentação realizada no final do ano e muitos alunos usaram a desculpa de não terem tempo para participar mais das aulas por conta do excesso de atividades que eles estavam tendo na escola regular.”

Questionei o professor Jonathan sobre todo o processo que desenvolvemos ao longo desses meses e quais são suas críticas, ressalvas e apontamentos. Sua visão foi a seguinte:

“Em relação ao projeto em si, acho que os alunos foram bem no sentido de seguir com o planejado e fazerem a peça na possibilidade que eles tinham ali no momento. [...] No quesito melhoria, seria necessário um trabalho melhor nas questões básicas da construção teatral, o famoso: o que, onde e como. Para mim o trabalho não ficou como o esperado, mas compreendo a complexidade que foi e como ele foi defasado por conta da evasão.”

Quando iniciei o estágio na FAOP, a turma era muito maior do que quando acabamos o processo. Ao longo das semanas os adolescentes, por questões pessoais, iam nos deixando, como o Jonathan citou acima sobre “excesso de atividade que eles estavam tendo na escola regular”, e claro que isso afetava demasiadamente todo trabalho que estávamos realizando, tivemos que fazer alguns encaixes, retirar alguns personagens e reajustar o próprio texto que eles haviam desenvolvido pelo desfalque dos alunos. Por conta das faltas e saídas de alguns alunos durante as aulas, um mês e meio antes da apresentação adaptamos toda a peça, fizemos vários ensaios e o grupo que acabou sendo consolidado se comprometeu a estar presente em todas as aulas dali em diante, participar ativamente dos ensaios e provocações que eram inseridas. Porém no dia da apresentação muitos alunos faltaram, alguns não se sentiram seguros o suficiente para se apresentar, outros justificaram falando que os pais não puderam levar. Isso foi bem frustrante e creio que deve ter sido desesperador para os professores que estavam no dia da apresentação final para os pais e convidados.

Enquanto arte-educadora e agente cultural, meu papel era guiar os adolescentes e criar as condições necessárias para desenvolverem a peça que

estavam escrevendo, mas ao mesmo tempo não poderia interferir muito em seus processos e escolhas, com isso algumas características do teatro de mamulengo acabaram se perdendo. Nosso intuito era ter realizado um trabalho mais regional, trazendo as situações da cidade de Ouro Preto, porém o projeto acabou se desviando e nós enquanto professores talvez não interferimos no momento necessário.

Porém diante da minha pesquisa sobre a ação cultural consigo enxergar que, no meu trabalho enquanto professora/auxiliar na FAOP, atuei concomitantemente como arte-educadora e agente cultural, pois me encarreguei de criar as condições necessárias para o desenvolvimento da cultura, não adotei uma postura autoritária na sala de aula e o desenvolvimento do projeto ocorreu de forma orgânica.

Ressalto que para próximos trabalhos a minha interferência deva ocorrer de forma mais objetiva e direta para não haver tanto desvio da proposta inicial como acabou acontecendo na Fundação de Artes de Ouro Preto. O espetáculo, na realidade, não era o resultado final do trabalho, mas apenas uma etapa do processo.

### **Considerações Finais**

Ao analisarmos as palavras de Paulo Freire (2013) e de Teixeira Coelho (1989) e Cabral (2012), fica evidente que o papel e as atitudes do agente cultural, assim como a pedagogia teatral enquanto ação cultural, estão em sintonia com a filosofia da educação Freiriana. Seguindo esses conceitos, nós, enquanto professores, tínhamos um direcionamento e cronograma a ser cumprido, mas as ideias dos alunos se encaixavam organicamente, agregando ao nosso projeto, havendo sempre um diálogo horizontal. As crianças foram afetadas pela arte de forma positiva, e a cada aula progrediam em seu aprendizado.

Acredito que a educação seja uns dos pilares mais importantes e necessários para haver o desenvolvimento de um ser humano, de um coletivo, uma comunidade um país. Sem essa base educativa, ficamos à mercê e dependentes de pessoas e instituições que podem facilmente nos manipular a seu favor. E a arte-educação tem ainda o diferencial de educar nossa sensibilidade, desenvolver nossa auto-estima e nos fazer conhecer e reconhecer enquanto seres humanos. Nas nossas aulas, trabalhamos com elementos da cultura popular de nosso país, ampliando o

repertório cultural das crianças, tantas vezes condicionado pelo acesso a informações oferecido pelas mídias e pelo ensino formal.

A educação é um direito de todos, devemos preservar e lutar para que não seja cada dia mais sucateada e desvalorizada, quanto mais libertadora e expansiva se tornar, menos muros e barreiras encontraremos para impedir nosso crescimento coletivo. A arte é incansável e ilimitada. Quanto mais conseguirmos juntar essas duas grandezas, educação e arte, mais estaremos proporcionando novas oportunidades de aprendizado, trocas de conhecimento e vivências, trazendo à comunidade um olhar educativo e transformador, afetando positivamente a todos que estão ao nosso redor, com uma manifestação artística diversa e abrangente.

Sinto que os alunos que frequentavam as aulas semanalmente e não faltavam quase nunca mergulharam de cabeça nesse projeto, porque se interessaram pela proposta que levamos. O fato da própria turma ter desenvolvido um enredo cômico e de terem um bom entrosamento e convivência, reforçou esse interesse. Às vezes tinham dificuldade em se concentrar, pois a vontade de rir era evidente e essa alegria contagiava, tornando os dias mais prazerosos e leves.

Ao provocar a curiosidade nas crianças, trazendo elas ao universo da descoberta a partir de ferramentas que possibilitam executar atividades diferentes de suas rotinas, observo que isso aumenta o interesse dos alunos. Trazer um novo formato de se fazer teatro amplificou o conhecimento e a vivência que antes não possuíam, permitindo novos desafios e pesquisas, contribuindo com expansão da noção de cultura.

É muito interessante perceber que conseguimos atrair a atenção dos alunos através do teatro como pedagogia da arte. Trouxemos uma linguagem mais próxima da realidade deles para a sala de aula, por meio de ferramentas com as quais eles já tinham tido contato, como por exemplo os personagens midiáticos que eles escolheram para trabalhar nessa peça; mas, em contrapartida, nós, enquanto professores, buscamos sempre mostrar algo novo para eles, como o Teatro de Mamulengo, aumentando dessa maneira o repertório cultural dessas crianças. Enquanto arte-educadora, acho muito importante trabalhar e mostrar características e histórias da cultura popular do nosso país, pois para muitas pessoas é difícil o acesso a essas informações e costumes. Trazer o Teatro de Mamulengo para essa

turma foi cultivar e perpetuar uma tradição do Brasil que ainda não tinha sido explorada por esses alunos, e foi muito rico ver como os alunos se debruçaram e compraram nossa ideia.

Fazer o estágio na Fundação de Artes de Ouro Preto foi muito engrandecedor e satisfatório. Enquanto arte-educadora me empenhei ao máximo para promover diálogos e ações que pudessem contribuir para o meu crescimento e o das crianças, tornando a escuta a nossa maior aliada nos trabalhos desenvolvidos e na convivência. A pesquisa era constante, tanto para os alunos como para mim. Quando eu iniciei o estágio, me dei conta que nunca havia estudado a fundo sobre o Teatro de Mamulengo e suas características, diante disso precisei me aprofundar para participar desse trabalho incrível.

Acredito que enquanto arte-educadora tenho muito o que aprender e estudar, principalmente como lidar com a proposta que foi criada para desenvolver em sala e como os alunos desejam realizar e conversar com essa linguagem, trazendo elementos que para eles se tornam tão necessário e importante e como o projeto em si não se desvia e consegue caminhar nos dois pilares desejados.

Durante o processo do estágio, mergulhei em memórias de peças teatrais das quais participei, para trabalhar com as crianças a questão do corpo em cena, a partir dos jogos teatrais. Dar aula foi um processo que aflorou em mim todos os aprendizados que mais me marcaram e me motivaram a fazer teatro. Sendo assim, repassava aos alunos atividades e percepções que foram de grande valia para o meu desenvolvimento. Desempenhar a função de agente cultural em um ambiente que respira e vive de inúmeras formas de manifestações artísticas me proporcionou um olhar mais amplo e inclusivo, que, espero, poderá perpetuar e se expandir em outras ações culturais durante minhas atividades futuras como arte-educadora, com as ferramentas necessárias e acessíveis.

Às vezes nos deparamos com pequenos gestos que mudam o nosso dia e melhoram o nosso humor. Achar um novo sentido para a vida e torná-la mais leve é a minha busca diária. Digo um novo sentido porque nossas buscas e desejos mudam de acordo com as circunstâncias que nos aparecem.

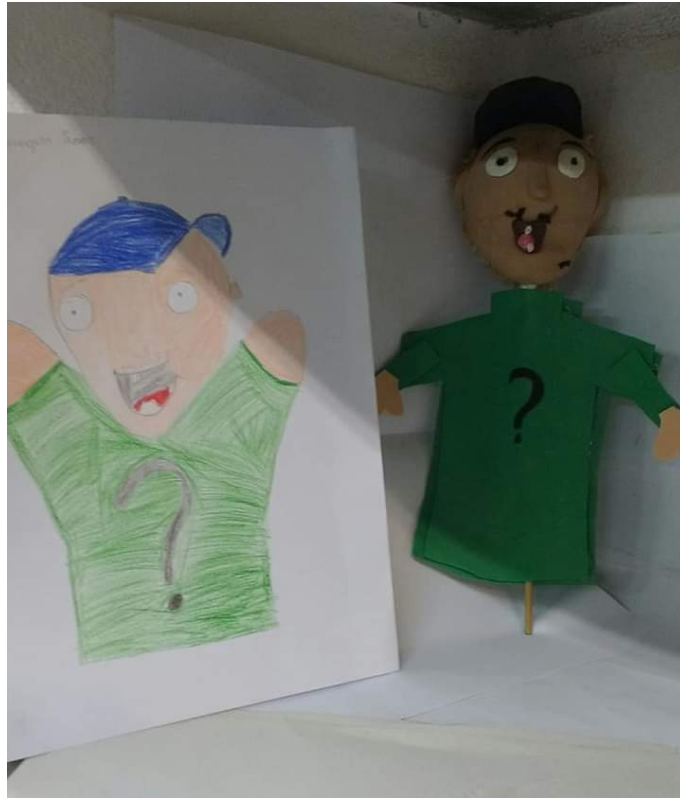
**Bonecos de Teatro Mamulengo confeccionado pelos alunos na  
Fundação de Artes de Ouro Preto**

Fonte : professora Janaína Evangelista (arquivo pessoal)



**Bonecos de Teatro Mamulengo confeccionado pelos alunos na  
Fundação de Artes de Ouro Preto**

Fonte : professora Janaína Evangelista (arquivo pessoal)



## REFERÊNCIAS

ALCURE, A. S. *O Riso do Povo Recursos Cômicos no Mamulengo da Zona da Mata. Textos escolhidos de cultura e artes populares* V. 5 (2008). Rio de Janeiro: UERJ, 2008. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tecap/article/view/12595>. Acesso em: 01/04/2021.

APOSTILA PARA TEATRO DE BONECOS. *Pedagogia ao Pé da Letra*, 2012. Disponível em: <https://pedagogiaaopedaletra.com/apostila-para-teatro-de-bonecos>. Acesso em: 1 de abril de 2021.

CABRAL, B. A. V. *A ação cultural e o teatro como pedagogia. Sala Preta*, v. 12 (2012), n. 1, p. 4-7. São Paulo: USP, 2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/57542>. Acesso em: 01/04/2021.

CARDOSO, A. *Iphan Reconhece teatro de boneco do Nordeste como Patrimônio Cultural do Brasil. Da Agência Brasil*, 05/03/2015. Brasília: Empresa Brasil de Comunicação, 2015. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/cultura/noticia/2015-03/iphan-reconhece-teatro-de-bonecos-do-nordeste-como-patrimonio-cultural-do>. Acesso em: 01/04/2021.

COELHO, T. **O Que é Ação Cultural**. São Paulo: Editora brasiliense, 1989.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

WAGNER, R. **A invenção da cultura**. Tradução: Marcela Coelho de Souza e Alexandre Morales. São Paulo: Cosac Naify, 2010.